

O jornalismo infantojuvenil e o caso do *Jornal Joca* no Brasil

Youth and children journalism and the Brazilian *Jornal Joca* case

Luciana Cabral Teixeira Doneda

Jornalista graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com mestrado em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutorado em Teoria da Informação e da Comunicação pela Università degli Studi di Macerata (Itália). Professora de Artes e atriz licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas pela Universidade do Rio de Janeiro (Unirio) e especialização em Psicopedagogia (Universidade Positivo) e dublagem. Professora da Universidade Positivo até julho/2020, redatora de conteúdo de material didático da DTCom e agente cultural da Secretaria Estadual de Comunicação e Cultura do Paraná. Email: lucabral.doneda@gmail.com

Resumo

*O artigo é uma reflexão sobre o jornalismo infantojuvenil, discutindo a sua importância e pertinência dentro do sistema educacional. Como estudo de caso foi apresentado o projeto *Jornal Joca*, um jornal quinzenal editado no Brasil desde 2011, dedicado a trazer informações jornalísticas dentro de um projeto gráfico e linguagem adequadas a essa faixa etária e suas necessidades de informação.*

*O objetivo é discutir formas de uso de um jornal específico para crianças e adolescentes dentro de propostas pedagógicas que privilegiem a leitura e o desenvolvimento de habilidades de interpretação e reflexão sobre os fatos, relacionando com a história, com o momento presente e o que pode ser feito em relação ao futuro. O projeto *Jornal Joca* foi apresentado e analisado como um exemplo entre as possibilidades de aproximação do mundo da informação à realidade escolar.*

Palavras-Chave

*Jornalismo; Educação; Jornalismo Infantojuvenil; *Jornal Joca*; Leitura.*

Abstract

*The article propose discuss the journalism for children and teenagers, discussing its importance and relevance within the educational system. As a case study, the Brazilian project *Jornal Joca*, a biweekly newspaper published in Brazil since 2011, dedicated to bringing journalistic information within a graphic project and language suited to this age group and their information needs.*

*The objective is to discuss ways of using a specific newspaper for children and adolescents within pedagogical proposals that privilege reading and the development of interpretation and reflection skills about facts, relating to history, the present moment and what can be done about the future. The *Jornal Joca* project was presented and analyzed as an example of the possibilities of bringing the world of information closer to school reality.*

Keywords

*Journalism; Education; Journalism for children and teenagers; *Jornal Joca*; Reading skills.*

O lugar do jornalismo na escola

Trabalhar com o jornalismo na escola é criar um lugar de escuta que auxilie pedagogicamente no processo de quebrar barreiras sobre quem tem direito a falar e o direito a ser escutado e, dessa forma, abrir espaço para que sejam criadas maiores possibilidade de lugar de fala. A vulnerabilidade da criança e da juventude e a dificuldade em ter voz nesse ambiente, que seria essencialmente dela, é um dos desafios da educação contemporânea.

O espaço escolar historicamente é um ambiente que estimula a competição e não a solidariedade. O exercício do debate, a partir do suporte da informação adequada, cria oportunidades para socializar, fazer conexões, promover engajamento e criar lugares de fala. A escola é um dos espaços de consenso da vida social, onde valores e compreensões de mundo podem ser discutidos e organizados.

O jornalismo infantojuvenil se desenvolveu à medida que se sentiu a necessidade de fazer dialogar o conhecimento estabelecido institucionalmente com a contemporaneidade, assim como também se percebeu a importância histórica do registro jornalístico e a possibilidade de usá-lo como suporte para o aprendizado. Nas últimas décadas, no Brasil e no mundo, foram criadas diversas iniciativas de produção de jornalismo voltado para crianças e adolescentes. Esse artigo é um estudo sobre o jornalismo infanto-juvenil e a criação do Jornal Joca no Brasil, um jornal especialmente dedicado à aproximação dessa faixa etária à informação jornalística.

O Jornal Joca começou a ser publicado em 2011 pela editora Magia de Ler, a partir da experiência de Stéphanie Habrich, que é a criadora do projeto, na Europa, onde são comuns publicações informativas para essa faixa etária. A versão impressa é publicada a cada quinze dias e diariamente é atualizada a versão on-line, publicada no site do próprio jornal, que oferece *links* para outros conteúdos e atividades, como explicar como fazer o próprio jornal em sala de aula ou em casa. Para ter acesso aos conteúdos é necessário realizar a assinatura do serviço. Além das publicações, o site também articula cursos de formação para professores trabalharem com o jornal em sala de aula.

É surpreendente que a educação midiática ainda não faça parte do currículo das escolas, neste momento em que a utilização do digital é o que impera. O público infantojuvenil tem hoje mais acesso do que nunca à informação e se utiliza das redes sociais para se divertir, produzir conteúdo e se informar, nem sempre por meio de plataformas ou fontes confiáveis.

Existe ainda a barreira da compreensão de que levar notícias para crianças e jovens, por meio do jornalismo profissional, além de ser uma necessidade para a formação desse público, é um direito que eles têm, previsto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e pela Convenção Sobre os Direitos da Criança, da ONU. (HABRICH in MATTOS, 2020)

O projeto editorial do Jornal Joca é, assim como os jornais para os adultos, dividido em editorias chamadas: Mundo, Brasil, Ciência e Tecnologia, Maluquices, Esportes, Cultura e Entrevistas. Os editores fundamentam suas escolhas de temas a serem publicados a partir do que é notícia no mundo adulto, mas também ouvindo os leitores, assim como pais e responsáveis.

Os resultados observados pela equipe do jornal mostra que não apenas os pais, mas também outros adultos que se relacionam com as crianças, como avós ou tios, se envolvem e se interessam pelas leituras. As crianças que desenvolvem o hábito da leitura de notícias passaram a demonstrar mais interesse pelo que acontece à sua volta e também apresentaram maior protagonismo em suas rotinas. Em uma pesquisa encomendada à HEC Paris e Planète D'Entrepreneurs sobre o Jornal Joca revelou-se que os leitores do jornal se interessam mais por notícias de temas não comuns, como ciências, tecnologia e finanças, do que os não leitores, que demonstraram se interessar mais por celebridades e entretenimento de massa. A seguir temos alguns gráficos elaborados pelos editores do Joca a partir dos resultados dessa pesquisa para análise:

Gráfico 1 (JORNAL JOCA)



Fonte: <https://www.jornaljoca.com.br/perfil-do-professor/>

Gráfico 2 (JORNAL JOCA)



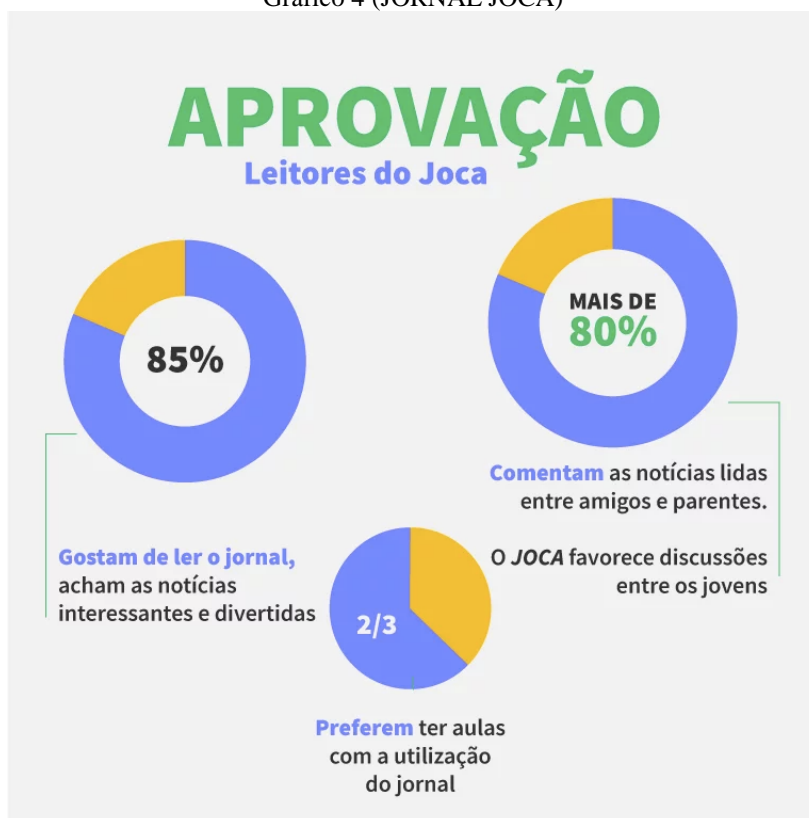
Fonte: <https://www.jornaljoca.com.br/perfil-do-professor/>

Gráfico 3 (JORNAL JOCA)



Fonte: <https://www.jornaljoca.com.br/perfil-do-professor/>

Gráfico 4 (JORNAL JOCA)



Fonte: <https://www.jornaljoca.com.br/perfil-do-professor/>

As análises sobre o comportamento das crianças a partir da leitura de jornais apropriados mostram que o acesso à informação desenvolve capacidade de leitura e escrita, de investigação, cálculo, pesquisa, criação, análise e síntese. Tanto a leitura quanto a produção de publicações no ambiente escolar auxilia a aprender mais ativamente, as crianças se sentem estimuladas a mostrar seus conhecimentos e explicá-los. O trabalho com a notícia pode ser um instrumento didático útil para o aprendizado tanto de conteúdos quanto de aprendizado da realidade.

Estar bem informado faz parte de rever esses pré-conceitos. No Joca, como trazemos atualidades, não faltam exemplos de liderança de mulheres, negros, pessoas de diversas classes sociais. Por meio das notícias, o leitor pode passar a enxergar com mais clareza os preconceitos e as formas de combatê-los. O contato com os fatos que giram em torno de temas como racismo e machismo também pode ser um ponto de partida para conversas em casa, entre pais e filhos. (HABRICH in MATTOS, 2020)

O acesso à informação adequada à faixa etária fornece elementos que estimulam olhar o mundo com maior consciência e desenvolve capacidades interativas para discutir fatos, embasando opiniões com dados e criando condições de escuta e fala que são essenciais para a socialização e a convivência em comunidade. Essa compreensão também é essencial para discutir questões sobre desigualdade e preconceitos na sociedade e de que forma se pode reagir e transformar a realidade, o que se torna ferramenta essencial especialmente quando entre os alunos estão presentes minorias ou grupos que sofrem preconceitos.

Na Europa existe uma tradição de se elaborar jornais especialmente para o público infanto-juvenil desde meados do século passado. A criadora do Joca, Stéphanie Habrich nasceu na Alemanha, filha de um alemão e uma francesa que migraram pra o Brasil quando ela tinha seis anos. Na ausência de revistas e jornais infantis no país, e interessados em manter o vínculo linguístico das suas origens, os pais de Stéphanie assinavam revistas e jornais franceses e alemães para crianças, que se tornaram referência na sua infância como fonte de conhecimento e pertencimento. Mesmo trabalhando no mercado financeiro por anos, a ideia de criar um jornal no Brasil para crianças sempre esteve presente na sua vida.

Em 2000, Stéphanie, após ter filhos e sentir falta de material adequado em português para eles, encomendou uma pesquisa de mercado para avaliar a viabilidade de projetos voltados para esse público. A pesquisa foi um estudo bastante extenso em que durante um ano foram entrevistados pais, pedagogos, professores e crianças usando como exemplo e modelo as centenas de revistas francesas para esse público. A ideia inicial era convencer as maiores editoras francesas a investir no Brasil, criando versões locais dos periódicos, mas o projeto não seguiu adiante.

Stéphanie trabalhava no World Trade Center, em Nova York, quando aconteceu o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001. Ao sobreviver ao desabamento do prédio, ela resolveu mudar de vida e abandonou o mercado financeiro. Em 2007 ela fundou a editora e lançou duas revistas: a *Peteca* (para leitores de 5 a 8 anos) e a *Toca* (para leitores de 1 a 4 anos) nos mesmos moldes das revistas europeias que ela conhecia. Em 2011 foi lançado o *Jornal Joca*, inspirado nos modelos da França, onde existem mais de dez jornais infantis, e dos Estados Unidos, que têm mais de 30 jornais para crianças.

A pesquisa de mercado mostrou que era necessário uma parceria com as escolas para que o projeto desse certo, visto que existia pouca interação entre pais e filhos na leitura. O projeto editorial também previa a contextualização das notícias, explicações que vão além do fato, explicação sobre termos difíceis, visitas das crianças à redação e depoimentos publicados no jornal. Posteriormente foi desenvolvido um site do jornal com um portal dedicados aos pais e professores, com vídeos explicativos e exercícios para serem feitos a partir das reportagens publicadas, podendo ser usados como suporte didático e dividido por séries escolares.

Na sala de aula

A linguagem jornalística, os seus limites e suas potencialidades sobre o seu uso social é reconhecida como um saber análogo àquele da progressiva formalização dos processos

educativos e da instrução. Esse saber teórico-prático, deveria, na era da informação, ser considerado parte integrante da formação básica, não poderia mais se limitar aos aspectos técnicos e formais da linguagem, como é aplicado no ensino do gênero jornalístico, por exemplo, no ensino fundamental.

Isso significa analisar não somente a linguagem da informação, mas a representação de problemas, conflitos, contradições, soluções, assim como desenvolver a capacidade de criticar o que o discurso do poder dos meios de comunicação filtra dos fatos e elabora como narrativa do real, fazer novas interpretações e abrir a estrada para a autonomia do pensamento crítico, identificando as ideologias, as posições políticas e ideológicas, os medos, os preconceitos e até mesmo perplexidades diante dos fatos.

Abrir esse espaço para oferecer oportunidade de aprender e discutir sobre direitos constitucionais, investigando como as leis são feitas e aplicadas, por exemplo, é um dos caminhos pedagógicos do uso do jornal na escola. Assim como compreender como a cultura se realiza e é divulgada, como a ciência se desenvolve, como a desigualdade econômica, social e racial aparece, como as forças de produção movimentam a economia e determinam o lugar de cada um na sociedade, entre poder e opressão, ou seja, em todos os campos da existência é possível se apropriar desse conhecimento para estimular o aprendizado de mundo.

As experiências de aproximação do jornalismo com a escola são, na maioria das vezes, iniciativas de jornais, como o que realizou a Associação dos Editores de Jornais Portugueses na campanha “*Ler jornais é saber mais*”, na qual jornalistas iam às escolas para sensibilizar os professores e os alunos sobre a importância de ler jornais e de incorporá-los na escola.

(...) achei que eu poderia introduzir nesse trabalho a dimensão da “educação para os media”, como nós chamávamos, que é a tradução da expressão francesa “*éducation aux médias*”, ou “media education”, para os ingleses. Começamos a dizer assim porque consideramos que a “educação para” é o processo pedagógico, e a literacia é o uso dessas competências – capacidade que é naturalmente desigual na sociedade, o que a diferencia de muitos outros fatores. (PINTO in REDHER; SALDANHA, 2019, pp. 97-98)

As iniciativas das empresas jornalísticas em aproximar o jornal da escola acontecem como estratégia de sobrevivência comercial, como ocorreu em 1991 quando se discutia a possibilidade do fim do jornal impresso e a World Association of Newspapers (WAN) elaborou o projeto “*Young Reader Committee*” com o objetivo de realizar uma troca global de informações e opiniões sobre o uso do jornalismo na educação. Essa organização foi fundada em 1948 e reúne associações nacionais de jornais de mais de 100 países para projetos de cooperação no plano regional, nacional e internacional. Desse projeto surgiu o programa “*Newspaper in Education*”, que organiza a cooperação internacional para fomentar a implementação e desenvolvimento de atividades de educação à leitura nas escolas. Os jornais são apresentados aos professores como instrumento para favorecer a cidadania e servir como material adicional para as diversas disciplinas escolásticas, como a matemática, política, ciências, estudos da WAN era fazer com que a informação jornalística fosse considerada parte de uma política pública de educação à leitura no currículo escolástico.

Uma pesquisa realizada pela associação demonstrou que os estudantes se sentiam motivados em se aproximar do “mundo dos adultos”, aprendendo sobre questões sociais, descobertas científicas e novas tecnologias e diminuindo assim as distâncias entre a realidade do mundo e a realidade da escola.

Um dos métodos pioneiros foi sugerido por Marshall Mc Luhan, Kathryn Hutchon e

Eric McLuhan em um artigo publicado em 1977, “City as classroom: Understanding language and media”, em que se propunha comparar os jornais e suas linguagens em sala de aula. Os estudantes deveriam desenvolver competências para descrever os “modelos de leitor” de cada publicação e refletir sobre o conceito de notícia com perguntas como: O que faz um fato ser notícia? As notícias são apenas “coisas que acontecem”? Se tem um acontecimento que poucas pessoas sabem, é notícia? Quando se transforma em notícia? As histórias não aceitas, que não são publicadas, são notícia?

No trabalho em sala de aula se propõe diferenciar as normas do literário e do jornalístico, resgatar o papel do jornalismo na divulgação da literatura, assim como era necessário também elaborar a análise da função política e social do jornal na comunidade e avaliar o papel da publicidade na elaboração do jornal.

Desde a análise da primeira página, onde se encontra uma grande quantidade de informações que pode levar ao interesse pelo que está nas páginas internas se percebe também a opinião do jornal e o seu modo de representar a realidade. O professor deve desenvolver competências para analisar os títulos das matérias, o número de colunas usadas nos textos, a medida do tipo, o lugar onde foi colocada a informação, se colocaram um fotografia ou não e, se possível, fazer um trabalho comparativo, realizar a análise das seções, organizar sumários dos temas escolhidos para serem noticiados. Transversalmente os estudantes são estimulados a aprender também a diferenciar gêneros, reconhecer as especificidades entre uma entrevista e uma carta, um artigo de opinião de uma notícia.

Como afirma MÉSZÁROS (2008), a educação é uma proposta para toda a vida - e não apenas nos anos escolares - e cabe ao educador educar e também se educar constantemente. Para enfrentar a alienação, seja no trabalho e na vida em geral, precisamos passar por um processo de transformação que nos forme como uma humanidade social.

Como o jornal é fonte primária de informação, com seus valores e posturas ideológicas, pode ser também instrumento de discussão e acesso ao conhecimento. A leitura do jornal conduzida por professores conscientes desse papel deve ter o objetivo de preparar leitores mais experientes e críticos para lidar com a informação, desenvolvendo estratégias não apenas de formação e transferência de conteúdo, mas também de verificação sobre a veracidade e confiabilidade das informações recebidas.

Portanto, eu diria que o trabalho que se torna crucial fazer é, em primeiro lugar, perceber como a informação é produzida hoje, quem a produz, que fontes a sustentam, que credibilidade merecem, que elementos quem dá a informação fornece para nós, enquanto usuários, podermos avaliar a fidedignidade da informação que estamos a ter. Isso coloca um desafio, quer aos usuários, quer aos jornalistas e a quem produz; põe a informação a circular. (PINTO, Manoel in REDHER; SALDANHA, 2019, p. 102)

Se a leitura do jornal for bem conduzida, é possível desenvolver competências de leitores mais experientes e críticos, ensinando-os a pensar sobre o que leem. Nesse processo de formação escolar, a leitura do jornal pode colaborar na formação de conceitos e aquisição de novos conhecimentos, estimular o acesso à cultura e desenvolver capacidades intelectuais que dialoguem com o conteúdo curricular.

Resistência e combate é o que me ocorre dizer, porque, de fato, as políticas neoliberais (e falo agora em particular do caso europeu) estão sendo absolutamente demolidoras em alguns países – não da educação, mas da própria cidadania diante das instituições educativas. Isso é muito grave, (...) os próprios pais opõem-se a dinâmicas e projetos nas escolas que não sejam meramente centrados nos conteúdos

curriculares, porque dizem: “isso é perder tempo, isso é brincadeira; a escola é para ensinar, e nós cremos é em ver as notas no fim”. Ora, isso é uma perspectiva altamente redutora da educação, porque as escolas têm que ter uma vocação muito mais completa do seu projeto educativo, que não é apenas o que se passa na sala de aula – e mesmo ali nós podemos trabalhar de muitas maneiras –, mas também de uma escola fora das aulas e com toda a educação informal que vai por outros canais, por outras vias. (PINTO, Manoel in REDHER; SALDANHA, 2019, p. 106-107)

O texto do jornal, diferente do texto do livro pedagógico, oferece também a oportunidade de contato com uma linguagem mais ágil, um registro da história que ainda está sendo escrita, o que estimula a criação de uma competência para ordenar e compreender esse caos aparente, relacionando o passado com o presente, buscando as origens dos fatos e refletindo sobre as consequências do que ocorre diariamente, numa projeção da história para o futuro. Dessa forma o jornal pode ser uma ponte entre os conteúdos teóricos dos programas escolares e a realidade.

O ensino da leitura é um processo que se operacionaliza a partir das mudanças sociais no que se refere à apropriação da tecnologia, da heterogeneidade cultural dos sujeitos, do acesso e da distribuição dos bens culturais. Logo, a necessidade de várias lentes para compreender que o processo que envolve o ensino da leitura é multifacetado, abrangendo aspectos que vão além do que é normatizado e legitimado pela cultura escolar. (DE SANTANA, 2018, p. 2)

O professor que atua como mediador entre a escola e o mundo pode encontrar no texto jornalístico um aliado, como podemos observar em alguns depoimentos de professores que trabalham com o Jornal Joca em sala de aula coletados pela equipe editorial do jornal:

"Agora, ao final do terceiro ano utilizando o jornal na sala de aula, vejo que a relação das crianças com sua leitura é outra: sempre demonstram interesse em ler as notícias e comentá-las com os colegas. Vejo que se sentem envolvidos com o que acontece, sentindo-se informados e fazendo parte do mundo."

"O balanço que faço hoje do comportamento dos alunos em relação à leitura do jornal é de que eles buscam compreender totalmente o que estão lendo para poder comentar e debater com os colegas, com os pais e comigo, sua professora, conhecendo bem o assunto."

"Antes de iniciar o trabalho específico com o texto jornalístico, meus alunos se interessavam pouco em saber a diferença entre os gêneros textuais de imprensa. Agora, com o uso do jornal e os desafios que proponho para identificarem o que são notícias, reportagens, entrevistas, legendas, etc., o interesse das crianças em conhecer suas características cresceu muito! Atribuo isso à leitura e às atividades contínuas que fazemos com o jornal na sala de aula."

"Hoje se fala muito em protagonismo juvenil e na necessidade de prepararmos nossos alunos para observar o seu entorno e propor ações de melhoria para sua comunidade. Em minha opinião, o contato com o jornal na sala de aula e a discussão sistemática sobre o que ele informa é uma prática fundamental para conscientizar os alunos sobre seu papel de cidadãos atuantes."

"Depois de algumas semanas realizando sistematicamente rodas de leitura de notícias, pude observar um aumento do conhecimento de palavras de meus

alunos, além de muitas ideias de como proceder em relação aos acontecimentos do dia a dia. Durante as conversas sobre os fatos noticiados, surgiram comentários como ‘O dono do cão atropelado foi informado imediatamente?’; ‘Minha mãe fez um pedido para a Prefeitura enviar um caminhão à nossa rua, para recolher o lixo para reciclagem. Em outras ruas do bairro já existe isso’ e ‘Vamos fazer uma campanha para plantarem mais árvores em nosso bairro? O ideal é ter três árvores para cada habitante no mundo.’’

"Avalio que o trabalho com o jornal na escola de fato informa e forma crianças e jovens para participar de práticas reais de leitura e de escrita e, com isso, leva-os a compreender a si mesmos e o mundo que os cerca." (JORNAL JOCA, 2020)

Esses depoimentos ilustram o diálogo professor/jornal como uma nova possibilidade de “leitura de mundo”, ou seja, um aumento significativo de repertório linguístico, conceitual e procedimental. O maior engajamento, o desejo permanente de ler e interagir com os outros discutindo sobre o que lê. Percebe-se também um processo de amadurecimento, ao ter maior profundidade ao interpretar o que lê. Além da identificação de gêneros textuais variados, o trabalho com jornal deve propor um trabalho constante de formação do leitor crítico através da apropriação de práticas de leitura e de escrita que se aproximam das práticas reais de uso social.

Algumas das atividades organizadas para o trabalho didático com o jornal em sala foram coletadas nas experiências da equipe do *Jornal Joca* em diversas escolas como, por exemplo: A Apresentação do jornal e como se organiza; roda de conversa sobre notícia; leitura e criação de ilustração para a notícia, roda de leitura de notícias e conversa sobre as características dos títulos; leitura de uma notícia e seleção do título mais adequado de um banco de propostas escritas na lousa; leitura da notícia e criação de título para ela; leitura e localização de informações na notícia; como se estrutura uma notícia; leitura de notícias e localização de suas diferentes partes; reescrita oral de notícia, coletivamente; roda de leitura de notícia e conversa sobre legendas; formulação de perguntas e comentários sobre matérias de jornal; leitura de notícia e criação de legenda para sua ilustração; reescrita de notícia.

Ao permitir que os alunos se apropriem dessas informações e façam discussões em sala de aula, o professor estimula também o aprendizado de escuta e consideração de diferentes pontos de vista. A partir da aquisição dessa competência, o professor pode sugerir temas para apresentações, oferecer materiais de pesquisa e apoiar o aluno no planejamento dos seus projetos. Essas práticas de escrita que se aproximem das práticas reais de uso social da palavra ampliam a compreensão das possibilidades comunicativas de um texto.

Se observamos a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), os Parâmetros e as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio é requisito a centralidade do texto nas práticas de linguagem e o desenvolvimento constante das capacidades de leitura, escrita e oralidade.

Aprender como se estrutura a notícia pode fazer parte dessa estratégia de organização do pensamento, de concisão das ideias e fatos, de qualidade textual. O primeiro parágrafo da notícia tem o objetivo de informar sobre o fato que ocorreu, uma espécie de resumo que no jargão, na linguagem técnica jornalística, se chama *lide*, do verbo inglês *to lead*, que significa liderar, guiar ou orientar, ou seja, serve para orientar o leitor sobre o que ele vai ler. Na técnica de escritura jornalística determinou-se a regra de que esse parágrafo deve responder a cinco perguntas: O que aconteceu? Quem praticou ou sofreu a ação? Quando? Onde? Por quê?

Essa estrutura facilita a leitura de quem tem pressa e procura um resumo. No resto da

notícia, chamado de *corpo*, o leitor encontra os detalhes sobre o fato, entrevistas e informações complementares. A conclusão conta como se encerra o fato ou o que ainda pode vir a ocorrer no futuro. O texto jornalístico pode ser um texto aberto com desdobramentos.

Outro gênero do texto informativo é a reportagem, que difere da notícia. A reportagem tem mais conteúdo, é maior e com mais profundidade. Enquanto a notícia descreve o fato, seus efeitos e consequências, a reportagem se dedica a uma investigação que vai além da origem do acontecimento, mas investiga também os motivos e tentar abranger tudo o que envolve o tema, incitando o debate e a reflexão, oferecendo maior quantidade de informações e detalhes. É comum também a reportagem trazer uma visão mais pessoal do jornalista.

Alguns exemplos de propostas desenvolvidas pela equipe de *Jornal Joca* para uso didático propõe, por exemplo, discussões para descobrir o que eles sabem sobre o assunto, como ficaram sabendo, solicitar a elaboração de novos textos pensando em como informar colegas de outras turmas, sempre com a ideia de que a notícia deve ser compartilhada e que é preciso saber sempre mais, estimulando a pesquisa e instigando os alunos a perguntarem aos familiares e amigos suas opiniões.

É interessante que no primeiro momento as informações sejam organizadas, por exemplo, em um cartaz, acessível a toda a turma e que os alunos tenham a oportunidade de expôr oralmente o que entenderam e pesquisaram. Só em um momento seguinte seria indicado a produção de textos informativos pelos alunos. Nessa exposição oral é importante levar em conta as técnicas de apresentação, falando sobre características dessa prática, como a entonação, a acentuação e o ritmo. A entonação é a maneira de emitir o som, a modulação da fala, que nos ajuda a expressar sentimentos, emoções e opiniões. A acentuação é a energia com que pronunciamos as palavras e as frases e o ritmo é a velocidade com que apresentamos. Devemos equilibrar a velocidade, as pausas e a entoação.

A leitura de notícias oferece dados sobre a realidade, fatos que podem ser comprovados através das instituições ou pessoas que ofereceram as informações ou viveram as situações narradas. A partir do que lê, o sujeito - não o indivíduo, como se prefere na contemporaneidade - tem acesso à subjetividade da vida em comunidade, sobre o que acontece na sua cidade, no seu estado, país, outros países. Esses elementos colaboraram na estruturação do pensamento e estimula os instrumentos naturais de reflexão e opinião que cada sujeito possui, permitindo assim também uma participação mais efetiva na vida social. Conhecer, por exemplo, detalhes e informações sobre os fatos permite uma participação mais confiante em um debate ou uma simples conversa com amigos ou familiares, ter acesso às informações oferece também elementos para ajudar a tomar decisões no cotidiano.

Face a essas considerações, inúmeros são os discursos que circulam no âmbito educacional e no acadêmico acerca do que significa ler e suas respectivas implicações no processo de ensino e aprendizagem desse bem cultural, por isso, a depender do posicionamento de cada sujeito em relação aos conceitos e representações de leitura, mitos são construídos, desigualdades sociais são (re)produzidas e as oportunidades educacionais, para os grupos sociais minoritários, tendem a ser reduzidas ou ampliadas. (DE SANTANA, 2018)

Em todas as áreas é possível aproveitar o conteúdo do jornalismo para enriquecer e aprimorar as próprias competências, além de ampliar a compreensão do conteúdo programático, ao combinar as informações jornalísticas com os assuntos que estão sendo abordados em sala de aula. Essa prática, no entanto, exige que o professor tenha acesso às informações e desenvolva também condições para utilizar esse potencial no seu trabalho. Por exemplo, a tramitação da reforma da previdência no parlamento é a notícia. Onde essa notícia pode ser aplicada nos conteúdos do programa? Na matemática, no cálculo da aposentadoria.

Na geografia, nas estatísticas demográficas. Na história, nas leis que garantem o direito a receber a pensão. Nas ciências, os fatores biológicos do envelhecimento. Ou seja, é necessário que o professor desenvolva constantemente suas habilidade em fazer inferências e ser criativo.

Considerações finais

Ler é essencial, como afirmou NIETZSCHE (2014), para a tradição cultural, para a compreensão das ciências e até mesmo para o relacionamento com a matemática. A leitura do jornal sempre esteve relacionada com o grau de “cultura geral” de uma classe e possibilidade e capacidade de envolvimento com a política.

A maior dificuldade de uma boa leitura vem do que se considera os alienados pelo trabalho, usando a categoria da análise marxista, que são aqueles que vivem para trabalhar e consumir e não encontram tempo para pensamento e reflexão no cotidiano. Esse aspecto é parte de um processo de continuidade do sentimento de subalternidade, que GRAMSCI (2002) explica como a falta de motivação para a leitura, incluindo aqui a leitura de informações jornalísticas. É também um obstáculo para aproximação da sociedade civil das decisões que cabem ao Estado e são profundamente influenciadas pelos proprietários do capital. Porque é ali que está o conhecimento acessível sobre como o sistema social funciona, de como as leis se articulam, como a cultura se distribui, como as decisões governamentais influenciam o cotidiano.

A verdadeira riqueza da vida humana seria o conhecimento na opinião de DE CERTEAU (1994), assim a ausência de cultura e a impossibilidade de comunicação entre quem consegue se expressar e quem encontra dificuldades é um aspecto cruel da sociedade atual. A palavra é a chave da comunicação e sem ela a relação de solidariedade entre os homens é prejudicada. O acesso à palavra é o acesso ao poder de abstração e de estabelecer conceitos, é igualmente o acesso ao princípio de causalidade e submissão ao seu poder. Saber falar e encontrar espaço “para falar” é dispor de um poder na vida social.

O imaginário coletivo formado pela leitura, seja através da literatura ou da informação é o resultado da construção desse saber. O progresso intelectual a ser enfrentado, já dizia Gramsci, é usar tanto a mitologia quanto o trabalho intelectual para distinguir e fazer crítica social. A argumentação por meio da comunicação deveria oferecer a consciência da palavra e identificar os sinais do poder. A ideologia escondida na linguagem pode levar tanto para a liberdade quando para a escravidão do pensamento. DE CERTEAU (1994) propõe inventar o cotidiano usando estratégias e instrumentos para a construção do saber além do consumo de massa, da opinião pré-estabelecida.

A maior parte das ações do cotidiano, como ler, falar, dirigir, fazer compras são táticas, enquanto a estratégia é a concretização de projetos, como a escolha da carreira, a dedicação ao trabalho, ter filhos. Pequenos sucessos, a arte de fazer (ou não fazer) são táticas que nós mesmos desenvolvemos. Essas performances dependem de saberes antigos que os gregos chamavam de *métis* mas, como nos lembra DE CERTEAU (1994), também as astúcias dos peixinhos ou das plantas são colocados em conexão com esses saberes. Na ausência de poder de fala, o indivíduo se coloca à margem do processo comunicativo e se contenta em ser um consumidor.

É nesse sentido que a a proposta de aproximar a informação jornalística do processo educativo deve considerar a necessidade de material em linguagem adequada. Oferecer às crianças e jovens notícias sobre o mundo e a contemporaneidade em um discurso compreensível por elas é um dos degraus que a escola pode subir para contribuir na formação

de sujeitos que se sintam capazes de exercer seu direito de falar.

Referências

- BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Trabalhando com os gêneros do discurso: relatar notícia**. São Paulo, FTD: 2001.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci. Um estudo sobre o seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DE SANTANA, Luciene de Cassia. **Reflexões sobre o ensino da leitura no contexto das transformações culturais**. Revista Contemporânea de Educação, 13(27), 330-349, 2018. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/15782/pdf>. Acesso em 12 abril 2021.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del carcere**. Torino: Einaudi, 2002.
- GUILHERME, Denise. **A importância da comunicação oral no planejamento escolar**. NOVA ESCOLA, Edição nº 280, março de 2015.
- HABRICH, Stephanie. **Como foi escrever um livro sobre a minha trajetória como empreendedora** (2020). Disponível em <https://claudia.abril.com.br/blog/stephanie-habrich/como-foi-escrever-um-livro-sobre-a-minha-trajetoria-como-empreendedora/>. Acesso em 19 abril 2021.
- ITAÚ MULHER EMPREENDEDORA. **Stéphanie Habrich: depois de sobreviver ao 11 de setembro, ela criou o Joca, primeiro jornal infantil do Brasil**. Disponível em: <https://imulherempreendedora.com.br/inspiracao/mulheres-que-inspiram/stephanie-habrich-depois-de-sobreviver-ao-11-de-setembro-ela-criou-o-joca-primeiro-jornal-infantil-do-brasil>. Acesso em 19 abril 2021.
- JORNAL JOCA. **Lendo o mundo com o Joca: Guia para o uso do jornal em projetos interdisciplinares**. Disponível em <https://www.jornaljoca.com.br/>. Acesso em 19 abril 2021.
- MACHADO, Sandra. **Jornal interativo e gratuito para crianças**. Disponível em <http://multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/3016-jornal-interativo-e-gratuito-para-criancas>. Acesso em 19 abril 2021.
- MATTOS, Laura. **Temos o dever de envolver as crianças nas atualidades, diz fundadora de jornal infantil**. Entrevista com HABRICH, Stephanie. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/11/temos-o-dever-de-envolver-as-criancas-nas-atualidades-diz-fundadora-de-jornal-infantil.shtml>. Acesso em 19 abril 2021.
- MARTINS, Eduardo. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1977.
- MÉTZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008
- REHDER, Maria.; SALDANHA, Felipe. **Educação para a Comunicação Social: experiências educativas com o jornalismo em Portugal. Entrevista com Manuel Pinto (PINTO, Manuel)**. Comunicação & Educação, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 95-107, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i1p95-107. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/155565> . Acesso em: 25 mar. 2021.